PALAVRAS

SOBRE A

ARTE DO POVO

PRONUNCIADAS NA EXPOSIÇÃO
DE ARTE REGIONAL
REALIZADA NO PALACIO FRANCO DOS SANTOS
EM 17 DE MARÇO DE 1917

POR

XAVIER CORDEIRO

LISBOA
TIPOGRAFIA DO ANUARIO COMERCIAL
Praça dos Restauradores, 24
—
1917

PALAVRAS

SOBRE A

ARTE DO POVO

PALAVRAS

SOBRE A

ARTE DO POVO

PRONUNCIADAS NA EXPOSIÇÃO
DE ARTE REGIONAL
REALIZADA NO PALACIO FRANCO DOS SANTOS
EM 17 DE MARÇO DE 1917

POR

XAVIER CORDEIRO

LISBOA
TIPOGRAFIA DO ANUARIO COMERCIAL
Praça dos Restauradores, 27
—
1917

Assi que a terra em que os homẽes per lomgo costume e tempo forom criados geera huũa tall conformidade amtre o seu emtemdimento e ella...

FERNÃO LOPES
(Chronica de El-Rey D. João I)

Porem, que assim á carga cerrada e a olhos fechados, logo seja o alheio uso recebido, só porque é alheio, e logo o proprio despedido, só porque é proprio, digo-vos que é um vicio digno de grão vitupério em quem o affecta.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO
(Apólogos Dialogaes)

As proprietarias da "Arte no Lar" offereceram a Fernando d'Albuquerque Paiva Corte Real, encantadas com o interesse que a Nossa Superiora despertou á sua alma de verdadeiro Artista.

Minhas Senhoras e meus Senhores: 17/1/918

Tenho por norma de procedimento não recusar nunca o meu concurso, por modesto que seja, a uma obra que eu julgue proveitosa.

Foi porisso que, quando as Ilustres Senhoras que, com tão gracioso gesto, organizaram esta linda exposição me pediram para vir colaborar neste auto de Beleza, imediatamente acedi, sem mesmo insistir na facil e verdadeira desculpa da minha incompetencia.

Não sou um artista nem um estéta: — possuo apenas, mercê de Deus, um pouco de emoção para vibrar deante das cousas belas. E quando essas cousas belas me falam da linda e boa Terra de Portugal,

quando surgem espontâneas da alma lírica do nosso povo sobre todos lírico, a minha emoção funde-se no sentimento que delas dimana, como se fosse uma perdida nota no larguissimo acorde de inspiração que palpita e se desprende do respiro profundo da Terra.

O oleiro que molda a sua ânfora, pondo-lhe nas asas a singela graça alada em que exprime a sua aspiração inconsciente de artista; o zagal que, enquanto apascenta os rebanhos, vae com a ponta da sua faca abrindo sulcos de graça na cana das rocas, no corpo esguio dos fusos, ou na curva macia da colher com que a pobrêza come o seu caldo abençoado; a rendeira que concebe o milagre da sua renda ténue como a espuma do mar, ou como as nuvens do ceu; o tecelão que espiritualiza e anima com o rítmo da côr a manta que defende do frio dos invernos com o seu claro matiz de primavéra: — todos esses obscuros obreiros, emfim, têem dentro de si a cantar, a chorar, ou a re-

zar a alma cantante, melancólica e piedosa de Portugal.

Uma ave que canta sobre uma ramada verde, um coração que uma seta faz sangrar, uma cruz que, entre flores, nos abre os braços, na única promessa em que se pode esperar e crêr: — eis os motivos ornamentais preferidos pela arte espontânea do nosso povo, cuja alma é feita duma canção, duma écloga e duma préce.

Diante de cada uma dessas manifestações da pura emotividade popular, devemos sentir erguer-se, numa palpitação mais larga de vida e de amôr, o nosso coração de portuguêses.

Nesses rudes mas tão sinceros intérpretes da Alma Nacional está a voz eterna e profunda da Raça a chamar-nos para as origens mais puras da nossa sensibilidade. E' preciso obedecer-lhe, se quizermos ser portuguêses.

*

* *

Eu tive, *quando era menino e moço,* uma parenta velha, muito velha, que tinha o lindo nome de Violante e vestia sempre de roxo. Com uma saudade tanto mais viva quanto mais recuados vão sendo esses tempos de calma doçura, recordo as longuissimas tardes de verão passadas no espaçoso eirado da casa, tendo em baixo a frescura da horta e do pomar, onde a agua cantava, *pianissimo,* a canção creadôra das regas, e ao longe o recorte sombrio da serra, onde pastôres contemplativos interrompiam, pela hora extática das *Ave-Marias,* o canto elegíaco das flautas, para abrirem sobre o peito, recolhidamente, o sinal redentôr da Cruz.

Dona Violante, na sua cadeira de braços, ia-me dizendo com uma voz tão antiga que parecia vir de outras eras, e tão velada como se fosse murmurada detrás da grade de um convento, lindas xácaras e

romances que lhe ensinara, quando fôra tambem *menina e moça,* uma outra parenta tão velha como ela o era então.

Ia chegando a criadagem da labuta da lavoira, e esses homens simples ali ficavam esbatidos nas sombras da noite, que vinha a desenrolar-se da serra, embalados por aquela melopéa, a comover-se comigo com as tristezas de Dona Silvana, com os lances de liál cavalaria de Dom Claros de Alem-Mar, ou com os trágicos amores do Conde Nilo e da Infanta, que *nem na vida nem morte, se puderam separar...*

Bem haja a boa Dona antiga que foi, sem o saber, a mestra suavissima da minha sensibilidade!

Com ela aprendi a amar o Passado, que ela propria para mim personificava; aprendi a amar a Terra, que em volta de nós adormecia, naqueles poentes de balada, e cujos horisontes muitas vêses prescrutei inquieto, quando a sua voz em que um frémito ainda passava, me dizia os horrores dos *pedreiros livres* que, em certo

dia, tinham vindo de França devastando na passagem, as hortas e as cearas e profanando os sepulcros e os altares. Com ela aprendi a compreender o povo, que vinha pedir-lhe a benção de madrinha e contar á sua sempre atenta solicitude as alegrias das colheitas fartas, ou as amarguras da ruim moléstia que levara as melhores rêses do redil...

*

* *

Um português que ame a sua terra, que se não tenha ainda deixado corromper pela febre de exotismo que anda no ar, a pairar como uma nuvem funesta, não pode deixar de sentir uma bela comoção ao entrar nestas salas.

De aqui se divizam, num relance, as lindas provincias de Portugal: — o Minho alegre com as suas côres ardentes, o misticismo rude das serranias da Beira, a religiosidade silente da planicie alentejana —

todos os recantos ásperos ou floridos desta Terra de Promissão, aqui mandaram um pouco da sua alma, numa romaria encantada.

Como ferveroso nacionalista que sou, verifico com desvanecido prazer que começa emfim em Portugal a compreender-se o alto significado da arte regional criada pela emoção ingénua do nosso povo.

A arte popular não basta, é certo, para que um país possua uma Arte sua. Mas certo é tambem, que sem que exista e se compreenda a arte popular, não pode país algum afirmar que tenha uma Arte nacional.

E' necessario que arte popular coexista com a arte culta, ou de *élite*.

Entre as duas dá-se uma relação semelhante á que existe entre a semente e a flôr que dela nasce.

A arte popular é a semente, é o principio geradôr de que a arte culta deve florir.

Não podemos nem devemos pedir a um ceramista que molde um vaso ou uma

jarra decorativa igual á ânfora ou á infusa que sae das mãos rudes dum oleiro; — não podemos nem devemos pedir a um arquitecto que copie servilmente a casa humilde e graciosa das aldeias de Portugal e a transporte para a cidade; — não podemos nem devemos querer que um compositôr componha, para a orquestra ou para o piano, a mesma melodia singela que o pastôr toca na sua flauta, ou que os rapazes e *mai-las* raparigas cantam nas eiras, pelas escamizadas, ao luar de agosto; — não podemos pretender que o poeta faça quadras iguaes ás que improvizam os cantadores nas desgarradas, ou ás que os cegos gemem, numa voz tão velada como os seus olhos, quando andam na peregrinação sem fim, a dizer as desgraças do povo, por casais e herdades: — mas o que todos nós, portuguêses, devemos exigir ao ceramista, ao arquiteto, ao musico, ao poeta, é que descubram nessas expressões espontâneas da alma popular o principio misterioso de beleza que nelas reside, para

dele fazerem desabrochar a flôr requintada de Arte, que satisfaça o nosso espírito sequioso de alta e aristocrática beleza, e dê ao mesmo tempo ao nosso coração o belo prazer de palpitar num alvoroço de festa, revendo-se numa obra de arte, que seja bem portuguêsa.

Tal é, em meu entender, a missão da arte popular. Ela será o ponto de partida do caminho iluminado que a arte de *élite* tem a percorrer, em demanda da Beleza.

Orientada assim, a Arte terá sempre uma alta missão moral e social a cumprir, qual é a de prender os povos á Terra em que nasceram, abrindo-lhes o coração e os olhos para o que de belo existe no torrão a que devem estar arreigados como uma arvore que não morre, porque tem as raizes nas sepulturas e a ramagem sempre a florir, no renôvo constante de novas vidas que vão surgir como incessantes primaveras.

A Arte tem, sem duvida, uma missão que não é apenas de realização de beleza

plástica, de côr, de som ou de rítmo: — é tambem de beleza moral, sem o que pode transformar-se no lôbrego e tortuoso caminho, que conduz á negação, ao vicio, ao crime ou á loucura.

O Belo pelo Belo apenas, no significado mórbido da expressão, colocanos á beira do despenhadeiro em que se quebram todas as disciplinas do espírito.

A Arte sem uma absoluta euritmia, sem a confluencia de todos os rítmos da vida espiritual, não é Arte.

Se eu como homem abomino as aberrações morais, o crime, todos os desvios morbidos do espirito, emfim, — como é que os hei de amar em estética e elevá-los á categoria de motivos inspiradôres da obra de arte?

A creatura que por qualquer forma contraria a Natureza, cedendo ás solicitações doentias do seu espírito, comete sempre actos que, sendo maus em Moral, são infalivelmente feios em Arte,

Quebrada a euritmia por uma das faces, a obra da Arte falhou, ficando pelo menos inutil e vasia do sentido.

O Belo e o Bom têem de andar estreitamente ligados na mente do artista: — que da criação artística resalte sempre uma idéa de Moral.

Ora a Arte que tem por fim uma obra de nacionalização é sempre harmonicamente bela, porque realiza um tipo ideal de Beleza e de Moralidade.

Nacionalizar é fomentar o amor da Pátria, e o amor da Pátria é o conjunto supremo de todas as virtudes, a expressão do espírito em que maior soma de beleza se pode conter.

Não se suponha que esta doutrina cria um exclusivismo cioso e feroz, um *chauvinismo* absurdo, pelo qual só se compreenda e admire a arte do nosso País.

Não é assim: — bem português me considero eu e, contudo, não recusei nunca a minha admiração ás manifestações da arte estranha, desde que essa arte seja para o

seu país de origem o que para nós deve ser a nossa.

Eu admiro mais a França através de Mistral ou de Barrès do que através das lindas páginas mortas de Anatole ou de Flaubert. Compreêndo e sinto muito mais a Espanha que palpita e vive nas telas de Goya ou no teátro de Benavente, do que aquela que mal entrevejo em alguns dos livros vãos de Blasco Ibañez.

Mas é exactamente porque as outras nações têem, ou se vão forçando por ter uma Arte, que nós, portuguêses, a devemos ter tambem, para que não nos seja preciso atravessar as fronteiras, ou esperar que os estrangeiros a atravessem vindo até nós, para sentirmos o deslumbramento da obra de Arte.

A posse de uma Arte que nos pertença fará com que possâmos apreciar a dos outros povos, comparando-a com a nossa sem humilhação nem tristeza.

Minhas Senhoras e meus Senhores: — se me fosse lícito formular de aqui algum

pedido a quem com tão cativante bondade me tem escutado, pedir-vos-ia que, se pensais em realizar alguma obra de arte, tenhais sempre presentes no coração e nos olhos os motivos de côr, de linha, de ritmo e de som que emergem da alma do povo, pois êles são a legítima e não contrafeita expressão da alma Nacional.

Contribuâmos todos, na medida do nosso esforço, para que Portugal tenha uma Arte Portuguêsa.

Para isso, é preciso que saibâmos amar a Tradição e a Terra e compreender a alma popular. Cerquêmo-nos, pois, destas lindas coisas simples, fazendo a nossa casa bem portuguêsa, e o resto virá depois, naturalmente e sem esforço.

Assim cooperarêmos eficazmente na tão necessaria obra da nossa nacionalização, ao mesmo tempo que animarêmos estas indústrias humildes de que tantos humildes obreiros vivem, espiritualizando-se e ganhando o pão de cada dia.

Mostrarêmos assim ao povo das nossas provincias que êle só é interessante e merece o nosso carinhoso interesse espiritual, quando se deixa conduzir pelas direcções espontâneas da sua espontânea inspiração.

E este ultimo beneficio não será de todos o menor, porque quando o povo se convencer dessa verdade, não voltará a ser possivel o estranho e horrendo espectaculo que ainda ha bem pouco tempo tive a amargura de presenciar: — Em uma das mais lindas aldeias da Estremadura, camponezas escamizando milho numa eira, com blusas talhadas pelos figurinos da cidade e cantando ao luar pálido... de espanto, a *portuguêsa* e as coplas pornográficas das *cartolinhas*...

90-B 36814

O PRODUCTO DA VENDA D'ESTE FOLHETO
REVERTE A FAVOR DE UMA INSTITUIÇÃO PARTICULAR
DE BENEFICENCIA